

O MUNDO PEDE CUIDADOS¹

No decorrer da última década do século XX, cresceu entre os empresários, políticos, cientistas sociais, líderes comunitários, ativistas de movimentos populares, artistas, historiadores da cultura, mulheres e homens comuns de todas as classes sociais, a percepção de que um mundo novo estava surgindo – um mundo moldado pelas novas tecnologias, pelas novas estruturas sociais, por uma economia e uma nova cultura. O termo usado para designar as extraordinárias mudanças e o movimento aparentemente irresistível percebido por milhões de pessoas foi “globalização”. (Fritjof Capra, 2002. As Conexões Ocultas. Ciência por uma vida sustentável).

1972. O ano que não terminou.

Uma nova década se inaugura no rastro das fortes manifestações da contracultura americana e europeia na década de 60. Era um mundo dividido em dois blocos geopolíticos cujo campo comum era a guerra fria. O período de colonização ainda não chegara ao fim. O primeiro computador de uso pessoal somente seria comercializado em 1975. Duas décadas depois surgiria a Internet, e levaria mais alguns anos para que seu uso se tornasse rotineiro. O aquecimento global acabara de ser mencionado pela primeira vez. A expressão “poluição ambiental” apenas começava a fazer parte do linguajar comum. Acreditava-se que a principal ameaça à camada de ozônio seria proveniente das turbinas de aviões supersônicos, ou da emissão de gases orgânicos pelos rebanhos... O conceito de globalização surgiria somente 20 anos depois, a despeito de empresas transnacionais já então muito poderosas. Na África do Sul, o apartheid ainda vigorava e, na Europa, o Muro de Berlim ainda estava de pé.

Um grupo de homens e mulheres, cerca de 50 deles, estudiosos das vicissitudes planetárias, constituía o famoso Clube de Roma. Propunham-se a analisar variáveis como tecnologia, população, alimentos, recursos naturais e meio ambiente, com o propósito de apontar possíveis caminhos para evitar o colapso do planeta, previsto para o ano 2000, se nada fosse feito a respeito. A publicação originada desses estudos - *The Limits to Growth* (Limites do Crescimento) – colocou empauta a discussão sobre os limites do desenvolvimento econômico em face dos recursos finitos do planeta Terra. Estávamos em 1972.

O documento do Clube de Roma foi um marco no debate mundial sobre a problemática do meio ambiente e seu caráter global. As propostas veiculadas eram inaceitáveis, pois, essencialmente, defendiam para o mundo uma moratória

¹ Fonte: Agenda 21 do Banco do Brasil: Responsabilidade socioambiental na prática.

de crescimento econômico, ou seja, cada país deveria parar onde estivesse, condenando os mais pobres a um congelamento de sua situação de pobreza, para resolver impasses ecológicos resultantes do desenvolvimento dos mais ricos. O alerta, contudo, teve eco nas comunidades científicas, nos meios políticos e diplomáticos. A bandeira do "crescimento zero" não seria adotada por nenhuma nação, mas passaria a animar debates nacionais e internacionais, inclusive na Conferência que se realizaria em Estocolmo.

A despeito de um mundo polarizado politicamente, surgirá na Suécia, em 1968, a idéia surpreendente de uma conferência internacional sobre o meio ambiente, idéia está, efetivamente concretizada em Estocolmo, em 1972. Nascia, com a então denominada Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, o "espírito de compromisso de Estocolmo" que animaria a geração de 70 e as que ainda estavam por vir. Não por acaso, a Conferência foi realizada na Suécia, que havia sofrido sérios danos em milhares de seus lagos, em consequência de chuvas ácidas resultante da forte poluição atmosférica na Europa Ocidental.

"Uma de nossas principais responsabilidades nesta Conferência é produzir uma declaração internacional sobre o meio ambiente humano; um documento sem uma obrigação legal, mas, esperamos, com autoridade moral que inspire nos homens o desejo de viver em harmonia uns com os outros e com o meio ambiente". Com esta frase, o professor Mostafa K. Tolba, chefe da Delegação do Egito na Conferência de Estocolmo, expressava a esperança de que o bom senso e a capacidade de articulação de esforços dos povos poderiam oferecer a atenção que o planeta pedia.

Esse "pedido" expressara-se nas novas imagens detalhadas da Terra, que surgiram como resultado do lançamento do satélite Landsat, em julho de 1972, pelos Estados Unidos. As imagens sobre a devastação do planeta foram determinantes para a mudança de atitude das pessoas em relação ao estado do meio ambiente mundial. O planeta corria perigo e clamava por cuidado. Estocolmo marcava um importante momento da história da humanidade, inspirando miríade de iniciativas, desde políticas e estratégias governamentais até projetos e intervenções de organizações não-governamentais.

A Conferência de Estocolmo foi o evento que colocou o meio ambiente no foco das preocupações internacionais. A Conferência reuniu tanto países desenvolvidos quanto em desenvolvimento, mas a antiga União Soviética e seus aliados não compareceram. Reflexo da cisão política planetária. A Conferência produziu uma Declaração de 26 princípios e um Plano de Ação com 109 recomendações. Algumas metas específicas foram estabelecidas: uma moratória de dez anos sobre a caça comercial de baleias, a prevenção de derramamentos deliberados de petróleo no mar e um relatório sobre o uso de energia até 1975.

A Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano e seus princípios, constituíram o primeiro conjunto de soft laws (leis internacionais, apenas intencionais, sem aplicação obrigatória), para questões ambientais internacionais.

A década de 80. Definindo o desenvolvimento sustentável.

Os principais eventos políticos da década de 80 foram o colapso do Bloco Oriental e o fim de um mundo polarizado, construído sobre o equilíbrio de poderes entre o Ocidente, de um lado, e os países comunistas e seus respectivos aliados em países em desenvolvimento, de outro. Após as mudanças resultantes de reformas e da Perestroika no Bloco Soviético seguiram-se anos de crescimento econômico aparentemente forte.

Em outras regiões do planeta, contudo, a situação era sensivelmente diferente. Regiões em desenvolvimento como a África, a Ásia Ocidental, a América Latina e o Caribe registravam um aumento pequeno na renda. Para vários países em desenvolvimento, a década de 80 ficou conhecida como a "década perdida". A começar pela crise da dívida que atingiu a América Latina em 82. A situação ficou especialmente difícil em países onde milhões de pessoas se deslocaram por conta de guerras. O número de refugiados passou de cerca de 9 milhões de pessoas em 1980 para mais de 18 milhões no início da década de 90 (UNHCR, 2000).

Lidar com a pobreza tornou-se um desafio especial, uma vez que o crescimento populacional nos países em desenvolvimento não só continuou como, também, um número cada vez maior de pessoas carentes passou a residir em centros urbanos. Com o aumento da população urbana, a infra-estrutura física das cidades começou a ficar carregada e sem condições de atender à demanda.

A década de 80 também presenciou uma série de eventos catastróficos que marcaram de forma permanente o meio ambiente, bem como a compreensão das pessoas e dos governos sobre sua ligação com as condições da vida humana: o vazamento de gases letais na Índia; o desastre nuclear e Chernobyl, cujo aniversário de 20 anos, em 2006, tristemente recordamos; o derramamento de milhões de litros de petróleo no Alasca. Estes e outros eventos confirmaram que as questões ambientais são sistêmicas e que lidar com elas requer estratégias e ações integradas em longo prazo e a participação de todos os países e de todos os membros da sociedade.

A Estratégia de Conservação Mundial (World Conservation Strategy) foi um dos documentos mais importantes que ajudaram a redefinir o ambientalismo após a Conferência de Estocolmo. Lançado em 1980, esse documento reconheceu que a abordagem dos problemas ambientais requer um esforço em longo prazo e a

integração dos objetivos ambientais com aqueles relacionados com o desenvolvimento.

Em 1983 foi criada a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) para realizar audiências em todo o mundo e produzir um relatório sobre suas conclusões. Reuniões foram conduzidas em países desenvolvidos e em países em desenvolvimento, colhendo as percepções de diferentes grupos sociais sobre questões relacionadas a agricultura, água, energia, transferência de tecnologias e desenvolvimento sustentável em geral.

O conceito de desenvolvimento sustentável foi apresentado em 1987, como resultado da Assembléia Geral das Nações Unidas, no relatório *Our Common Future* (Nosso Futuro Comum), conhecido como Relatório Brundtland, devido ao fato do encontro ter sido presidido por Gro Harlem Brundtland, primeira ministra da Noruega. O Relatório Brundtland traduziu preocupações com o meio ambiente que já se instalavam na sociedade. Nele foi expresso pela primeira vez o conceito de "desenvolvimento sustentável" utilizado até os dias atuais e definido como "aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas", por meio da sustentabilidade do desenvolvimento que implica uma mudança nas relações econômicas, político-sociais, culturais e ecológicas. Desse modo a natureza passa a ser vista como parte integrante de um sistema que originalmente deveria ser cíclico, excluindo o comportamento predador do modelo de desenvolvimento predominante (OLIVEIRA, 2003).

A reação mundial aos acidentes industriais da década de 80 aumentou a pressão sobre as grandes corporações. Ao final da década, introduzia-se na indústria o conceito de ecoeficiência como uma forma de, simultaneamente, reduzir o impacto ambiental e aumentar a rentabilidade. Ficou claro que um número cada vez maior de atores teria que lidar com as implicações ambientais de suas atividades.

Década de 90. O sofrimento planetário se intensifica.

O conceito de desenvolvimento sustentável tornou-se mais compreensível, acompanhando as tendências crescentes à globalização dos mercados. A década testemunhou catástrofes ambientais ainda maiores do que as ocorridas na década anterior. A Guerra do Golfo, além de sacrificar vidas humanas, levou à queima milhares de barris de petróleo, produzindo fuligem e dióxido de carbono que poluíram a atmosfera; o derramamento de petróleo bruto nos oceanos dizimou milhares de aves aquáticas, contaminou manguezais e destruiu colônias de corais no Golfo Pérsico.

Ao final do século XX, mais de 800 milhões de pessoas (14% da população mundial) passavam fome e eram analfabetas. A conclusão que se impôs foi a de que não apenas intensificara-se a desgraça ambiental, como também, a miséria social.

O movimento de resistência às catástrofes ambientais dos anos 80, agregado à consciência emergente do agravamento da pobreza e da fome no mundo, exerceu forte pressão para que se realizasse a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), conhecida como "Cúpula da Terra" ou "Rio-92", realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992 e considerada como a maior reunião do gênero já realizada. Esta Conferência daria nascimento à Agenda 21.